Guimarães, 30 de Junho de 1912

1.º ano — N.º 3

Director: António Dantas, filho
Redactor: António de Souza
Editor: António A. Carvalho Júnior

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93 — e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal
Propriedade da Emprêsa de O LUSITANO

A defesa da república

A principal preocupação dos republicanos, desde que se apoderaram da direcção suprema dos negócios públicos, é a defesa da república.

E que a república precisa de defesa, todos o vêem. Mas há defesa de defesa. Assim como há remédios que, não sendo adaptados à moléstia e dados oportunamente, em logar de darem saúde produzem a morte, assim também há defesas que, longe de favorecerem, prejudicam.

E' um facto inquestionável que a república, pela sua desastrada orientação, tem desagradado à maioria da nação.

¿E como é que os republicanos pretendem defendê-la?

Promulgando leis e tomando medidas que ainda a tornem mais antipática aos que já estão descontentes com ela. Já teem sido publicadas algumas leis de excepção e há indícios de que serão publicadas mais algumas.

No parlamento e na imprensa republicana pululam as ameaças contra os que se supõe serem inimigos das novas instituições. «Serão punidos com *todo o rigor*, ser-lhes hão aplicadas as penas legais com *toda a severidade*, sôbre êles cairá *todo o pêso da justiça*», tais são as frases e expressões que se proferem no parlamento e se escrevem nos jornais democráticos.

E as autoridades administrativas, policiais e militares estão na mais perfeita consonância com a imprensa e com o parlamento.

Não procuram que a república seja aceita sem repugnância; pelo contrário, esforçam-se por impô-la pelo terror. Ora tais processos, embora lhes chamem de defesa e os empreguem com êsse intuito, fatalmente produzirão um efeito contrário.

E' possivel que a república, apoiada nesses espeques mal seguros, se sustente por algum tempo; mas, se não tiver a cimentá-la o amor do povo, as simpatias da nação, inevitávelmente ruirá por terra como um edifício sem alicerces. Portanto, se a quiserem defender eficazmente, forçoso lhes é seguirem outro caminho e empregarem outros meios. Continuando a proceder como até agora, cada vez vão cavando mais fundo a ruína das instituições que afirmam defender.

Querem defender poderosamente a república? Deem-lhe *por coiraça a justiça, por capacete a inteirêza de juizo, por escudo a equidade*, e eu lhes garanto que ela há de ficar firme e inexpugnável como uma torre fortificada.

Mas, está-me parecendo que, cegos pela paixão do facciosismo, não quererão reconhecer o errado caminho que teem seguido, e que se obstinarão a caminhar nessa mesma sinistra rota. Mostram-se apostados a joguetear com as aspirações do povo, a quem tanto lisonjearam, e a perder esta nação, que fingem amar. Se quisessem defender a república, procederiam doutro modo.

Restaurem as finanças, fomentem a riqueza pública, moralizem a burocracia, acabem com as sinecuras, apaziguem os espiritos, garantam a verdadeira liberdade, haja igualdade perante a lei, — e com isto ficará a república solidamente defendida. Com bombas, com carbonários, com perseguições injustas, com intimidações tiránicas, nunca a defenderão suficientemente.

Se teem olhos de ver, olhem para o estado geral da nação, em que não há uma classe sequer que esteja satisfeita com o novo regimen.

Pôsto que a monarquia tenha caído de pôdre, carcomida de vícios, poucos haverá hoje, em Portugal, que não suspirem por ela, como sendo preferível, sem embargo de todos os seus defeitos, ao republicanismo que nos está governando. Cegos estão os republicanos, se não vêem isto. Por conseguinte, se não querem aumentar a desconfiança, a antipatia e animosidade contra a república, tentem defendê-la doutro modo. Façam que ela seja uma verdadeira república, em que todos possam entrar e ter voz activa, porque, boa ou má que ela seja assim, sê-lo há para todos.

Que os republicanos estejam a dispor dos destinos de Portugal, como se êle fosse propriedade exclusivamente sua e cá não houvesse mais ninguêm que pudesse pensar doutro modo, isso é intolerável.

P. A.

Biltres!...

Estamos escrevendo êste artigo na tarde do lindo dia 26 de Junho de 1912.

Faz hoje um ano!

O ano passado, neste mesmo dia e a esta mesma hora, atravessava as ruas da cidade, majestosa e triunfante, no seu rico andor de ouro e prata que despedia, aos raios dum sol ardente e esplendoroso, centelhas de luz viva semelhando uma chuva de Graças espargida sôbre os fieis, a devota e milagrosa Imagem da Virgem que, sob a invocação de Nossa Senhora da Lapinha, se venera na sua capela, na freguesia de Calvos, dêste concelho.

Faz hoje precisamente um ano que muitos milhares de crentes, homens e mulheres de todas as idades e de todos os logares, de uma légua em circunferência de Calvos, despresando os apupos e vitupérios com que os amedrontavam para só se lembrarem da sua querida Virgem e da sua inabalável Fé, deixaram as suas casas para virem *com a Senhora à Vila* no seu costume antiquíssimo e tradicional, percorrendo nesta piedosa romagem uma extensão de cerca de 36 kilómetros, na maior parte por caminhos pedregosos e impraticáveis.

¡Com que saudade estamos, neste momento, revendo na nossa imaginação aquela mole compacta de povo circundando o andor como que para defender, com os seus peitos ardendo na chama consoladora da Religião Católica, a Virgem da sua devoção contra os ímpetos dos inimigos da Igreja que haviam jurado vingança!

¡Como se nos marejam, ainda hoje, os olhos de lágrimas de alegria ao recordarmos o grandioso espectáculo que tivemos a ventura de observar há um ano, neste mesmo dia, e o entusiasmo ardente com que os fieis, das ruas e das janelas desta católica cidade, agitavam os seus lenços brancos e soltavam vivas frementes à Virgem e à Religião Católica!

Faz hoje um ano!

¡Um dia de inegualável felicidade para nós!

Mas... adversativa fatal! um dia de recordação repugnante de infámias e torpezas que arrastaram os espúrios adeptos da política dominante, que se exteriorizam, por acções degradantes, ao mais baixo nível da indignidade, da perfídia e do aviltamento.

Faz hoje precisamente um ano que houve almas corruptas e espíritos de lama que não tiveram pejo de, mentirosamente, afirmarem que entre os vivas à Virgem e à Religião Católica foram também soltados a D. Manuel, à Família Real e à Monarquia.

Bifrontes! Falsários!

A hediondez de tam ínfimos caracteres ficou bem demonstrada numa cuidadosa sindicância a que veio proceder um magistrado integérrimo que se não deixou embair por cavilosas informações.

A despeito de todas as artimanhas e todas as falsidades postas em execução, nada se apurou de comprometedor para ninguêm.

Faz hoje um ano!

¡Com que saudade nós recordamos êsse dia!

¡E com que compaixão nós encaramos hoje os espíritos dúbios que tam infame e capciosamente nos acusaram!

Participação

da Redacção do Lusitano ao cidadão administrador dêste concelho.

Cidadão:

A redacção do *Lusitano*, semanário que se publica nesta cidade, composta de indivíduos no pleno goso dos seus direitos civis, todos boas pessoas e sem culpas nos boletins do registro criminal, sabendo que vós andais muito empenhado na descoberta dos criminosos que, no dia 12 do corrente, às primeiras horas da madrugada alarmaram os habitantes desta cidade fazendo explodir três ou quatro bombas, algumas das quais produziram estragos nos prédios que lhe ficavam próximos, leva por êste meio ao vosso conhecimento o seguinte facto que, embora isolado, pode servir de indício subsidiário para a descoberta em que tam patrióticamente vos interessais.

Não ignorais, por certo, que na mesma manhã em que detonaram as bombas apareceram em diversos prédios umas cruzes pintadas a pixe.

Ora no seu último número publicou êste semanário uns versos, com o título de «Grotescos», em que se aludia a essas cruzes, supondo o seu autor ter descoberto o portador do pincel que designava de trolha em vez de marchante.

Esta designação de *marchante* não quer, por forma alguma, dizer que o autor da poesia tivesse intenções de atribuir a pintura das cruzes a qualquer proprietário ou empregado de talho de carnes verdes, pois não só é uma designação apócrifa, mas também está no espírito de toda a gente que as cruzes constituiam, com verdade ou sem ela, uma ameaça de morte aos moradores das casas onde apareceram, e está em uso muito antigo no nosso povo classificar indivíduos de maus instintos de magarefes, marchantes ou carniçeiros, como se dissesse malvado, facínora ou assassino.

Mesmo que pudesse concluir-se, com inteira segurança, que o autor dos versos queria com efeito referir-se a um marchante autêntico, nenhum dos indivíduos que exercem este mister podia tomar a referência como ofensiva da sua pessoa porque estamos em uma terra onde há muitos estabelecimentos dessa natureza e os versos não conteem nenhuma alusão profissional, quanto mais pessoal.

Pois apesar de tudo isto, no dia 23 do corrente, pelas 9,30 horas da tarde, estando o nosso director a tomar o fresco no passeio público foi abordado por um indivíduo que exerce o mister de cortador de carnes verdes, o qual tentou agredí-lo, declarando que aqueles versos se entendiam com êle.

Como vós muito bem sabeis, cidadão administrador, assim como não há sangue sem ferimento, nem fumo sem fogo, também não pode haver ressentimento sem causa; e visto que numa terra, onde existem tantos marchantes, só um apareceu a tomar para si a alusão do vocábulo sem que nenhum dos outros désse sequer a compreender o menor desagrado, é óbvio que o indivíduo, que se mostrou ofendido, por alguma coisa o fêz e não foi, decerto, por dignidade profissional, pois outros há muitíssimo mais dignos do que êle que, como dissemos, se não desgostaram.

Como o caso das cruzes a pixe tem, decerto, alguma ligação com a explosão das bombas, oferecemos-vos êste episódio que, com certeza, vos há de aproveitar na vossa investigação.

Se quereis adquirir uma boa e segura bicicleta, a dinheiro ou a prestações, ide à ourivesaria de Fernandes & Cruz, que as vende por preços baratíssimos.

O LUSITANO

EM LIBERDADE

Suas águas corriam serpeando
As torturas que a terra ali fazia.
Eu desfazia as máguas soluçando
Acompanhando-o na monotonia.

Uma lágrima que desfêz em fio,
Quem sabe? Ninguêm!... última talvez!
Lá se misturou nas águas do rio
Com calafrio de me deixar de vez.

Enviei-lhe um adeus assaz contrito
A perguntar-lhe onde ía:—Quero o mar,
O mar largo, responde, êsse infinito,
Olho bendito onde hei-de só brincar!

—Mas... mas espera, ouve...—Não, não quero,
Busco ser livre num reino sem fim!
Estar ali prêsa era um exagero,
Um desespêro não aceite em mim!

Já lá vão meses sem eu ter passeio,
Que sorte a minha ter saltado aqui!
Vai-me ser bela a vida de recreio
Como o gorgeio que só canta e ri!—

—Que desventura! tu na liberdade
Quereres sustentar-te em mais calor!
Como poderás nessa imensidade
Teres vaidade em só ouvir fragor?!

Estás em liberdade!... e o moinho
Aí em baixo com medonha mó
Dar-te há, ó enlouquecida, tal carinho
Como êsse ninho que te dava eu só?—

A engastalhar-se num renque de amieiro
Foram-lhe mil esforços, mas em vão,
Ouviu-se alem, do velho pardieiro
O derradeiro ai! dum coração.

Em sorrisos seguia o manso leito
Quando, ainda bem perto, se desfez;
Sua balada caíra-me no peito
Então desfeito pela palidez.

R. E.

Guimarães, Junho de 1912.

Que reinação

Antigamente, no tempo da *outra senhora* de *ominosa* memória, quando havia uma sessão mais agitada na Câmara dos Deputados, era um pagode chinês.

O Sr. Afonso Costa trauteava uma ária de assobio, o sr. João de Menezes apregoava pastilhas, o sr. António José de Almeida desapertava o colete em ares de mártir e dizia aos soldados que lhe crivassem o peito de balas, vários outros deputados arvoravam em marceneiros, quebrando carteiras; havia pau de bater bifes, uma chinfrineira de todos os demónios que os jornais, o *Mundo*, por exemplo, criticavam ásperamente.

Hoje, como estamos em *luminosos* tempos de economia, já se não quebram carteiras, cujos concertos custavam caros à Nação.

Os nossos deputados, verdadeiros patriotas e *economistas* que são, adoptaram outro sistema de chinfrineira que não é menos significativo, mas que não custa dinheiro aos cofres do estado.

E' a sôco.

Pela mais pequena coisa, zás! Atiram-se ao sôco uns aos outros, que é um louvar a Deus.

Como morigeração de costumes é simplesmente fantástico, mas como matéria de economia, está perfeitamente bem.

Os jornais já estão tam habituados, que se referem a tais casos com esta frieza.

> O sr. Sousa Junior, exaltado:
> —Não admito que se diga que eu argumento de má fé!
> E avançando até ao logar onde se encontra o sr. João de Freitas, derruba-o.
> Acodem vários senadores, pondo termo ao conflicto.
> Há grande alvoroço na sala.
> .....
> O sr. Gastão Rodrigues requer a contagem. Como ninguêm faz caso do requerimento, levanta-se tumulto e os srs. Gastão Rodrigues e Carneiro Franco chegam por isso a vias de facto.
> O tumulto continúa e o sr. Mendes de Vasconcellos continua afirmando que não votará o projecto nem sairá da sala.
> De repente vê-se êste deputado envolvido em scena de pugilato com o sr. João Luís Damas.

Ainda dizem para aí os más línguas que Portugal não tem progredido!...

Arre intrujões, malandros, *talassões*, reacionários, *jasuitas!*...

Uma atitude honrosa

Nos tempos que vão correndo em que alguns homens, que alguma coisa podiam fazer em defeza do povo oprimido, se recolheram a penates, sufocados pela gargalheira do medo e da cobardia, num despreocupado mas ignóbilmente criminoso *não te rales*, sente-se uma consolação imensa quando se ouve uma voz de protesto contra a canalha da malta anónima, esses miseráveis rebotalhos sociais que, mais perigosos do que os terríveis bandidos de Paris, andam, a coberto duma tolerância infame, a espalhar o terror e a incitar a chacina às sombrias horas dos fantasmas.

Mas ainda há homens de bem, felizmente, neste desventurado país.

A Associação Comercial de há muito que vem adquirindo uma justa fama pelo interesse com que tem pugnado pelo progresso desta cidade.

Na sua última sessão, porêm, a Direcção acaba de dar uma soberba e cabal prova do seu desassombro na forma como protestou contra dois assuntos de capital importância.

Damos em seguida parte do extracto dessa sessão, sentindo que a falta de espaço nos iníba de o publicar todo, pois todo êle é de grande interesse:

Usou da palavra o sr. presidente e disse que, tendo recebido um ofício do ex.mo Administrador do Concelho, em resposta ao por esta Associação enviado àquela autoridade em que se solicitava a respectiva licença para a vinda a esta cidade da antiquíssima e tradicional «ronda da Lapinha», e como tal resposta foi infelizmente negativa, continuando assim a ser altamente prejudicados os interesses comerciais desta cidade, propunha que ficasse exarado na acta um voto de profundo desgosto pela forma como a autoridade administrativa, com a injustificada proibição de todo o culto externo nesta cidade, continúa causando gravissimos prejuizos ao comércio local.

Foi aprovada por unanimidade.

Continuando o mesmo sr. presidente no uso da palavra, disse que a Associação Comercial de Guimarães é, como não pode deixar de ser, completamente estranha a toda a política partidária; o seu fim principal consiste em promover o bem estar da classe em particular e o progresso e engrandecimento desta cidade, devendo, por isso, reclamar para que se consiga êsse fim e protestar contra tudo o que lhe seja obstáculo.

Neste intuito apresenta a seguinte

Proposta:

> Tendo sido esta cidade alarmada na madrugada de 12 do corrente pela terrível detonação de bombas explosivas arremessadas por mãos covardes e criminosas, e pela calada da noite, em frente das habitações de alguns cidadãos vimaranenses muito dignos e respeitaveis no nosso meio social: e
>
> Considerando que tam traiçoeira fórma de proceder veio causar uma justificada perturbação ao sossêgo a que teem incontestável direito os habitantes desta pacata e laboriosa cidade de Guimarães:
>
> Proponho que na acta desta sessão fique lavrado o mais veemente protesto da Associação Comercial de Guimarães contra quem ousou pôr em prática tam repugnante atentado.

Todos os srs. directores se manifestaram com palavras de verdadeira indignação por semelhante acto de selvageria, associando-se calorosamente ao voto de protesto proposto pelo sr. presidente.

A taxa

Já somos o país de muitas coisas, só nos faltava ainda ser o país dos taxados.

Pois já o somos.

Temos a taxa militar, que é mais um prodigioso milagre do farelório comicieiro do alívio dos impostos.

Acaba de se determinado pela secretaria da guerra que enquanto se não apresentarem ao serviço militar mancebos notados refractários, os seus ascendentes (pais, avós, etc.) são colectados pagando a taxa militar.

Efectuadas as apresentações dos mesmos mancebos, se forem isentos, pagarão taxa em dobro e os seus ascendentes a normal.

Êste é que é um país soberbo em alívios... do pêso das algibeiras do Zé-bruto.

Antigamente ía um mancebo para o Brasil, ninguem se importava com a família, e só quando êle voltava é que lhe pediam contas.

Hoje é esta interessante beleza que se vê.

Lá que os pais respondessem pelos filhos, sôbre quem teem domínio directo, vá.

Agora os avós pagarem as taxadas dos netos, dizemos-lhes que... é de a gente ficar maluco com tanta *generosidade*.

Uma de ministro

O amorabilíssimo e mais superlativos sr. Bernardino Machado, ao partir para a sua pátria, não quis ficar muito de mal com os portuguêses e porisso, quando últimamente no Senado se referiu à necessidade de se discutirem as leis do governo provisório, começando pela da... *separação*, lembrou quanto será conveniente se o governo restabelecer a confiança nos espíritos e conceder uma amnistia ao Clero, para que êle possa, livremente, representar ao parlamento tudo quanto entende com referência à já citada lei.

Esta só do amorável ministro dos estranjeiros do provisório governo!

¿Então o Clero não representou já da forma mais ordeira e mais delicada?

E com que lhe responderam?

Com processos, desterros, chufas e vaias.

Ora sabe que mais, sr. Bernardino?

Vá ouvir o sabiá e comer a tamboeira e volte depois.

Geme, Zé-bruto...

As festividades e procissões católicas não teem sómente o interêsse particular, que resulta do seu carácter religioso, mas muito mais e muito maior interêsse para diversos ramos de comércio e de indústria, que nelas tinham uma das suas maiores fontes de riqueza.

Com a guerra *santamente patriótica* que se tem movido ao culto católico, externo e interno, esses ramos de comércio vão-se definhando pouco e pouco e as indústrias vão paralizando duma forma assustadora.

A prova do que afirmamos está em outra parte do nosso jornal, no extracto da sessão da Direcção da Associação Comercial.

Todavia as tam faladas compensações ainda não vieram, a não ser que isso queiram chamar ao profundo desprezo a que se tem votado tudo quanto representa riqueza do país e ao agravamento sempre crescente dos impostos.

E entretanto o pobre do Zé vai gemendo... e pagando até que um dia pretendam arrancar-lhe a pele.

Republicanos... de valor...

O correspondente desta cidade para o «Jornal de Notícias», não sabemos por efeito de que bulas, rectifica a notícia que transcrevemos no número passado da forma seguinte:

> Relativamente à notícia que ante-hontem transmitimos sob a ida a Lisbôa duma comissão sub-delegada do centro republicano de Guimarães para conseguir a transferência imediata do juiz de direito da comarca, temos a esclarecer, com informações seguras, que aquela comissão não foi delegada do centro republicano, mas sim delegada de alguns elementos republicanos, de grande valor, para expor ao governo a forma como o juiz de direito procedeu na busca, que julgam arbitrária e contra as disposições da lei, tratando simultaneamente de outros assuntos de importância e interesse local.
>
> Há aqui verdadeira ansiedade pelo regresso daquela comissão, para se saberem as providências tomadas pelo governo.

Aqui anda troça com toda a certeza.

Republicanos de grande valor!...

¿Onde há em Guimarães, ou em Portugal, republicanos de valor, mesmo medíocre, que sejam capazes de mandar uma comissão solicitar dos poderes públicos a imediata transferência dum Juiz, só porque êle tenha cumprido o seu dever ordenando uma busca em uma casa onde, segundo a versão que corria, deviam existir bombas explosivas destinadas a pôr em desassossêgo e sobresalto a população duma cidade, e a desacreditarem o regímen que essa autoridade serve?

E' troça não há que ver.

Aqui há apenas duas associações republicanas: uma, o Centro, com séde na rua da Rainha, e outra, onde se reune a autoridade administrativa com os seus correligionários, no Priorado da Oliveira.

Não contestamos que o Centro conte, entre os seus sócios, alguns homens de valor; mas o que podemos asseverar é que, na noite de 16 do corrente, na reunião em que se protestou contra o procedimento das autoridades judiciais, não estava lá um único republicano de valor.

Na Associação secreta do Priorado não está filiado um só republicano de valor.

E, como os elementos que mandaram aquela comissão a Lisboa, só podiam saír dos protestantes da reunião do Centro ou dos filiados na Associação secreta, como é que podiam ter sido êsses mandatários republicanos de valor?

A eterna chuchadeira!

Em outros tempos chamava-se valor à inteligência, ao talento, à firmeza de carácter e outros dotes que enaltecem o homem, ou aos actos de filantropia, generosidade e mérito.

Hoje... é o que se está vendo.

Os republicanos... de valor a pedirem a imediata transferência dum magistrado que cumpriu o seu dever, sem terem duas palavras de censura para, ao menos, salvarem as aparências contra alguns garotos que se entreteveram, muito fraternalmente, a fazer explodir bombas e a pintar cruzes com pixe, actos estes que foram que provocaram a busca.

Se os querem melhores é encomendá-los em Prado que é onde se fabricam.

Quanto à almejada transferência, já vimos chegar a Comissão há dias e ainda não ouvimos os foguetes de regosijo.

E' que os autênticos republicanos de valor ainda aguardam a implantação da República Portuguêsa.

NÓS E A IMPRENSA

Os nossos prezados colegas abaixo mencionados tiveram a amabilidade de nos dedicar palavras que muito nos honram e com o maior reconhecimento arquivamos.

Da «Folha da Manhã» de Barcelos:

«O Lusitano

> Um belo e distinto campeão da imprensa acaba de saír à luz na velha e nobre Guimarães, o berço da monarquia,—«O Lusitano»—semanário que tem como director o sr. António Dantas, filho, e como redactor o sr. António de Souza.
>
> Ao recebermos a sua visita tam grata quisemos ver no «Lusitano» aquele belo semanário que tanto honrou e dignificou a imprensa, «O Regenerador», do nosso talentoso amigo e mui distinto colega rev.º Gaspar Roriz, que se elevou à altura da primeira publicação semanal do país.
>
> Pois «O Lusitano», que tam grata recordação nos avivou com saudade, tem o mesmo formato, a mesma elegância e distinção, a mesma nobreza e elevação de puros sentimentos, o gosto aprimorado e o interêsse das suas bem redigidas secções.
>
> Católico e político, asteia a bandeira branca, pura e imaculada das suas crenças que se orientam tendo como lema a imagem do Crucificado e como símbolo a Pátria.
>
> Agradecendo a visita de tam distinto colega desejamos-lhe larga e próspera vida.»

Da «Associação Operária» de Lisboa:

«O Lusitano

> E' um novo camarada, cujo 1.º número, que temos presente, nos promete relevantes serviços. Dirigido pelo sr. António Dantas, filho, «O Lusitano», que se publica em Guimarães, apresenta-se com distinção e tem o aspecto de jornal moderno, interessando a leitura das suas variadas secções. Longa vida, e todas as prosperidades.»

Representação... a fingir

O «Século», colosso de informação da capital, teve artes para impingir ao sr. Germano Furtado a representação da Associação Comercial desta cidade, no banquete oferecido ao seu cordial amigo sr. Bernardino Machado, por diversas associações comerciais, industriais e agrícolas.

Ora o que é certo é que a nossa Associação Comercial não delegou em ninguêm tal representação, nem sequer talvez conheça o sr. Germano Furtado.

E' assim que se arranjam representações para os grandes actos.

Isto é o que se sabe; e o que se não sabe?!

Já que nem o «Século» nem o sr. Germano podém receber os efusivos agradecimentos da Associação Comercial de Guimarães, receberão, em compensação, um papagaio que o sr. Bernardino, com toda a cordialidade, lhes mandará da sua terra natal das bandas *di lá*.

Um milagre, santinha!...

Já há muito tempo que nem na Recebedoria, nem na Tabacaria Havanesa, existem à venda selos fiscais e letras de câmbio de determinadas taxas, o que, por vezes, ocasiona desarranjo a quem deles precisa.

Se a «Alvorada», que tem velinha acesa a S. Camões e Santa República do Brasil, conseguisse deles o milagre de darem remédio a êste mal que está... quási a passar a crónico...

O depósito de máquinas de costura, na ourivesaria de Fernandes & Cruz, deve ser preferido por que é o que melhores modelos tem e o que mais barato vende, tanto a dinheiro como a prestações.

Grotescos

Meus caríssimos leitores,
hoje desculpa lhes peço
(se é que desculpa mereço)
de faltar com a secção.
Vejo tanta bandalheira
nesta ridente Cidade
que é mesmo uma atrocidade
cortar-lhe a veloz carreira.

Queria tomar por sério
um caso dos tantos vistos,
mas são tantos e tam mistos
que não sei como atinar.
Creio ser isto um engano;
Se caio no Vet'rinário
fica-me atrás um sudário
por baixo do Mariano.

Eu não sei se me percebem!...
Mais parece uma cantiga,
um amálgama, uma liga
que eu também pouco percebo,
o nosso administrador
com seu lance de justiça
chamar o juiz à liça
na casa do D. Prior!

E como outrora os Romanos,
nos tempos de Catilina,
lá foram logo p'ra China
(enganei-me) p'ra Lisboa,
dois ou três amigalhotes
com catrapassos na mão,
galante deputação
p'ra pedir dois piparotes.

Um piparote dos tais
prometido com verniz
visará o Senhor Juiz
com o Senhor Delegado,
porque estes dois *talasseiros*
cometeram grande crime,
que nem o sangue redime,
visitando os bombardeiros.

Mas há tais e tantos casos
que já faço uma embrulhada
quando colho uma penada
para todos descrever!...
Mete outro!... Ouço dos lados...
Levanto a cabeça a ouvir,
vejo o povo todo a rir
quando o cortam aos bocados.

Tirteu.

Pergunta inocente

¿Quem encomendaria ao sr. Agostinho Fernandes da Rocha, subchefe dos impostos municipais, um tam bonito sermão, tam bem prègado do púlpito da «Alvorada»?

Sim, porque aquilo só de encomenda.

Ora, menino: se não tem em casa água e sabão, vá lavar a roupa suja para o *rio* do Campo da Feira.

Lá é que é lugar próprio para... êsse serviço.

AVISO IMPORTANTE

Benjamim de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam:— **The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius,** *todas do* modelo de 1912, *de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos* preços das fábricas, *assim como todos os acessórios para as mesmas.*

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22$000 réis.

Viva o nosso deputado!...

Em aditamento à «Alvorada» publica o sr. dr. Eduardo de Almeida, deputado no parlamento, o discurso que proferiu sôbre o código administrativo na sessão nocturna de 6 de março de 1912, o qual ainda não tivemos tempo de ler.

Patrocinando o apêndice e recomendando-o à veneração dos *fieis*, chama a rosada «Alvorada» ao sr. dr. Eduardo — filho desta terra e seu representante.

Quanto a filho muito amado, muito inteligente e muito honesto desta terra, concordamos e temos até o maior prazer em assim lhe chamar.

Mas quanto a representante, isso vírgula.

Haverá, por ventura, algum deputado que seja representante da terra de onde diz sê-lo?

Quem nomeou os deputados? Não foi o directório do partido republicano?

Quem elegeu aqui o sr. dr. Eduardo?

O NOSSO JORNAL

Continúa sendo muito lisonjeiro o acolhimento que o público, benévolo e bom, dispensa a êste humilde semanário.

São inumeráveis os estímulos que, de toda a parte, temos recebido, e de todos os matizes políticos, excepção feita, é claro, aos inimigos da Ordem e da Liberdade bem compreendida e distribuida.

Dentre as várias comunicações que temos recebido, há um bilhete postal que vamos publicar por partir dum amigo que não temos a honra de conhecer e que se nos dirige em termos que merecem o nosso público reconhecimento.

Aí vai o postal, só com as iníciais, porque não estamos autorizados a publicar os nomes por extenso.

«...*sr. Tenho neste por fim participar-lhe que recebi o n.º 1 de «O Lusitano», o qual assino com todo o gosto, não só por ser de grande necessidade nesta época, como também pelo bom caminho que promete seguir. Peço o favor de mandar uma assinatura para J. S. etc.*

E com isto termino por lhe enviar os meus parabens pela bela lembrança que tiveram, desejando uma longa vida a tam desejado jornal.

Sem mais sou etc.

J. M. R.

Quem mente?

E' a «Alvorada», segundo o seu *louvável* e inconfundivel costume.

A busca à casa do Priorado não foi completa como *ela* tolamente afirma.

Poderá ter sido minuciosamente feita nas dependências visitadas, e outra coisa não era de esperar dum magistrado digno e inteligente, como é o Juiz de Direito desta comarca, sr. dr. Rezende, mas o que é verdade é que a casa não foi toda percorrida, como mentirosamente afirma a «Alvorada», por a isso obstar o administrador do concelho que declarou *sua a casa e tomar a responsabilidade.*

As dependências visitadas pela autoridade judicial foram o andar nobre e lojas, faltando os sótãos e mais dependências de que a autoridade judicial não tinha conhecimento.

O' «Alvoradasinha», olhe que a mentira é uma coisa muito feia.

Impressões

A comissão municipal convidou os vimaranenses a reunirem no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento, no penúltimo domingo.

Também lá fomos porque queremos, como patriota, como bairrista e como filho desta boa terra, o seu bem estar, o seu engrandecimento.

Ouvimos a exposição clara e precisa que o nosso conterrâneo, Dr. Eduardo de Almeida, veio fazer quanto ao assunto que ali reunia as fôrças vivas dêste concelho. E ficamos um tanto envaidecidos com o que lhe escutamos; francamente, consola-nos a alma uma satisfação daquelas.

Porquê?...

Simplesmente porque das suas palavras tiramos a lógica convicção de que não periga a integridade do nosso concelho. E não periga por diversos motivos, qual deles o de maior valimento. O primeiro, é que são necessários dois terços de eleitores das freguesias indicadas para constituir novo concelho, no total mínimo de quatro mil habitantes, que pelas suas despesas se tornem responsáveis. O segundo, é que, na impossibilidade de em Vizela se constituir uma comarca, os moradores daquele *concelho* teriam de vir a Guimarães sujeitar-se ao poder judicial, sempre que esta autoridade o julgasse preciso, e, daí uma baralhada de justificações porque qualquer cidadão poderia ser intimado a comparecer a iguais horas e em igual dia nas duas instâncias, administrativa e judicial; terceira, porque nos tempos que vamos atravessando, Vizela *dá pouco* no tempo de banhos e assim os proprietários custa-lhes arcar com aumento de despesas, e os proprietários rurais da povoação dizem que o milho é pouco para o consumo da casa; que teem pouco vinho para vender e que do excedente das suas despesas, mal podem tirar para as suas contribuições e tributos.

Se tiverem de pertencer a um concelho pequeno, sem vida própria, demais condenado pelo mau hábito em que estão os seus habitantes em só pagar *metade* das contribuições, tendo de construir à sua custa uma cadeia, uma esquadra certamente porque até com polícia é uma vergonha em Vizela, pagar aluguer de edifícios para repartições públicas, ordenados aos empregados, tributos para viação, instrução pública, sustento de escolas, etc., etc., as freguesias que ali tiverem a sua séde ficam privadas, para sempre, das regalias que até hoje teem gosado, pertencendo a Guimarães, porque só um centro importantíssimo como êle pode satisfazer as exigências que lhe eram impostas por Vizela no tempo em que o *vereador* daquela povoação era quem *tudo lo mandava!*

De resto, eu concordo com a emancipação dos povos, como concordo com a criação de novos concelhos e ainda com o aumento de distritos administrativos.

Não estamos nós em tempo de rosas?...

Não crescem os lucros dos nossos negócios?... Não é próspera a indústria popular?...

As contribuições teem *descido* consideravelmente, o pão é mais barato, assim como o azeite, o bacalhau, a carne, o arroz e o assucar, não é verdade?

Porque é que havemos de ser contrários à creação de novos núcleos administrativos se assim, aqueles que os vão constituir, pagam *menos* contribuições e teem *mais* comodidades?!

Mãos à obra! Estamos em maré de *felicidade!*

*

Todo o mal é a inveja e a vaidade. Um político quer mandar, vencer, impor-se, outro quer emprego de administrador para se *guindar* ao zenite e outro quer *empregar* os que lhe guardam as costas.

Uma vizinha que custou uma reunião ao Grupo de Propaganda e outra à Câmara Municipal.

Muita parra e pouca uva.

Cronista.

Festa da Cidade

As "Gualterianas,,

Sem fundamento, mas baseados em uma resolução camarária, que havia votado o subsídio de 400$000 réis para festas nacionais, (e não para as Gualterianas), que a Comissão Distrital reduziu a metade, os srs. correspondentes do *Janeiro* e do *Noticias*, e mais o colega *Imparcial*, deixaram correr mundo, com prejuizo manifesto, a informação de que a Comissão Distrital havia cortado, para metade, a verba votada patrióticamente pela Câmara, tendente ao engrandecimento da feira anual de S. Gualtér. Ora tendo sido desmentida essa atoarda como menos verdadeira, justo era que aqueles colegas se apressarem a esclarecer o caso.

Como o não fizeram, e lamentando a pressa com que se corre a dar à avidez da gazeta infundadas e pessimistas novidades, temos ao mesmo tempo a satisfação de lhes oferecer a oficial nova:

«*Acordam em Comissão Distrital aprovar o deliberado pela Câmara Municipal de Guimarães sobre a concessão do subsídio de 400$000 réis para desenvolver a feira anual de S. Gualtér e premiar o gado cavalar e bovino concorrente à mesma feira.*

Braga, 21 de Junho de 1912».

Subsídio do Estado

Por informes que foram enviados à comissão pelo sr. dr. Alfredo Pimenta, secretário geral do sr. Ministro do Fomento, vai ser concedido um subsídio, embora modesto, para desenvolvimento da importante e tradicional feira de S. Gualtér.

Programa geral

Embora possa sofrer alterações êste programa, são estas, todavia, as suas linhas gerais:

Tradicionais e importantes feiras francas de gado bovino e cavalar, a que concorre a comissão de remonta do exército; artísticas ornamentações e iluminações; batalha de flores; cinematógrafo público; concertos musicais; ginástica sueca com canto coral; original Marcha Milaneza: exercício de bombeiros; torneio de tiro aos pombos; exposição de trabalhos na Escóla Industrial; concurso de cantos populares; sessões de pirotecnia; corridas de garranos e bicicletas, etc., etc.

Notas

Reuniu quinta-feira, na sede da Associação Comercial e conjuntamente com a Grande Comissão, a comissão organizadora da Batalha de Flores.

Estiveram presentes os srs. Domingos Leite Corrêa Azenha, João Rodrigues Loureiro, Adriano Trêpa de Oliveira Ramos, Gualtér de Sousa Lobo e Augusto Pinto Areias, resolvendo agregar mais os srs. Jerónimo Almeida, Amadeu Carvalho, Joaquim Menezes, Alberto Martins Fernandes e Joaquim Ribeiro da Silva, e encetar os trabalhos, convidando para presidir á Comissão o sr. dr. António José da Silva Bastos Júnior.

Desta comissão também faz parte o sr. dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães.

—Pede-se a todos os srs. comerciantes e industriais a fineza de fazerem inserir nos envelopes das suas casas a súmula do programa geral das «Gualterianas», impressão de que obsequiosamente se encarrega a Tipografia Minerva Vimaranense, à rua de Paio Galvão.

—Há já muitos pedidos de terrenos para a construção de barracas para a feira.

—A Comissão fica muito penhorada com os representantes da imprensa que se dignem assistir às reuniões da mesma, todas as quintas-feiras de cada semana, pelas 21 horas, na sede da Associação Comercial.

Todos os informes para as suas notícias, que muito convêm que dora avante, sejam constantes, podem ser fornecidos pelos srs. A. L. de Carvalho e António Dantas.

—O ilustre professor de desenho sr. José de Pina foi encarregado da confecção do cartaz.

O Lusitano

A todas as pessoas a quem enviamos o presente número de *O Lusitano* esperamos dever-lhes o obséquio da sua assinatura, o que agradecemos reconhecidos; a quem não desejar auxiliar-nos nesta árdua tarefa, rogamos-lhes o favor da sua devolução imediata.

A emprêsa.

Jordão & Simões, Sucessor.—Em circular, que temos presente, participa-nos o sr. Francisco Pereira Simões que, por escritura de 29 de Maio findo, lavrada pelo notário desta cidade sr. João Joaquim de Oliveira Bastos, dissolveu de comum acordo a sociedade que, sob a firma Jordão & Simões, existia entre êle e o sr. Bernardino Jordão, ficando todo o activo e passivo a seu cargo desde 31 de Janeiro próximo passado, e continuando com o mesmo ramo de comércio, na mesma casa, no Passeio da Independência n.º 1 a 6 sob a firma de *Jordão & Simões, Sucessor.*

Também nos participa que continua como interessado da sua casa o sr. Raul Rocha, interessado da extinta firma, e bem assim o sr. Alfredo da Rocha Peixoto, mas sem responsabilidade para eles.

Circulo Católico. — Reuniu no último domingo, em assembleia geral ordinária, a beneficente instituição Circulo Católico S. José e S. Dâmaso, desta cidade, para apresentação de contas e eleição dos corpos gerentes que tem de servir durante o ano económico de 1912-1913.

Presidiu ao acto, na falta dos membros da assembleia geral, o sócio sr. António Luís da Silva Dantas, que convidou para secretários os srs. Luís da Silva Branco e Joaquim de Oliveira Machado.

Aprovada a acta, passou-se à leitura do relatório e contas, e do parecer do Conselho Fiscal, sendo tudo aprovado por unanimidade, em seguida ao que, depois de algumas substanciosas palavras do digno presidente da direcção, sr. dr. Henrique Cardozo Martins de Menezes, sôbre o desleixo que alguns sócios votam aos actos mais importantes da vida associativa, e do estado financeiro daquela instituição, foram os corpos gerentes eleitos por aclamação, ficando assim constituidos:

Direcção—Dr. João Rocha dos Santos, presidente; José da Costa Santos Vaz Vieira, vice-presiden-

te; Jerónimo António Félix, 1.º secretário; António Cândido de Souza Carvalho, 2.º secretário; António Ribeiro da Silva, tesoureiro; Joaquim de Oliveira Machado e António Antunes da Cunha, directores.

Assembleia Geral—Dr. António Maria Pinto do Amaral e Freitas, presidente; P.e Francisco António Saraiva Brandão, 1.º vice-presidente; Manuel Augusto Pereira Duarte, 2.º vice-presidente; José Joaquim Vieira de Castro, 1.º secretário; António Joaquim de Souza Júnior, 2.º secretário.

Conselho Fiscal—P.e António Jordão, Augusto Mendes da Cunha e Castro e José Martinho Fernandes, efectivos; Agostinho Bernardo dos Santos, Luís António Fernandes e Henrique de Oliveira, substitutos.

Oliveira & Irmãos, Limitada.—Os srs. Manuel Monteiro de Oliveira, Agostinho Monteiro de Oliveira e Joaquim Monteiro de Oliveira comunicam-nos que, por escriptura pública de 15 do corrente, lavrada pelo notário desta cidade sr. dr. António José da Silva Basto Júnior, se constituíram em sociedade, por quotas, de responsabilidade limitada, sob a firma

Oliveira & Irmãos, Limitada

com sede no logar de Brêa, freguesia de Pinheiro, desta comarca de Guimarães, para o fabrico do artigo de tecidos de lã em chales, e qualquer outro que se resolvam explorar, ficando com a gerência da casa o primeiro signatário, que será o único a usar da firma social.

Desejamos-lhes todas as prosperidades de que são dignos.

DIVÓRCIO

(1.ª Publicação)

Por sentença de 23 de Maio próximo findo, com trânsito em julgado, proferida na acção de divórcio intentada por Cristina Gomes da Silva, da rua da Liberdade, desta cidade, contra seu marido Joaquim Gomes da Costa, residente na freguesia de Rates, comarca da Povoa de Varzim, foi autoriazdo o divórcio requerido, com fundamento nos n.os 4 e 5 do art.º 4.º do Decreto com força de lei de 3 de Novembro de 1910, o que se faz público nos termos do art.º 19 do mesmo Decreto.

Guimarães, 19 de Junho de 1912.

O escrivão do 5.º oficio,

Eduardo Pires de Lima.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rèzende.

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cêrca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia. ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. ✳ ✳ ✳ **Trabalhos perfeitos e rápidos.**

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edifício dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à Direcção

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$200 rs.
Semestre	600 „
Número avulso	30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 „

Permanentes, contrato convencional.

Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra

(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranense

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.mo Sr.